

O LETRAMENTO DIGITAL NO ESPAÇO ESCOLAR DOS ALUNOS DA EJA¹

Juscelino Francisco do Nascimento (UnB)
Alceane Bezerra Feitosa (UFPI)

RESUMO: Este trabalho objetiva a) analisar o letramento digital de alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) da cidade de Itainópolis – PI; b) observar, na escola, o uso da tecnologia para os processos de leitura e escrita desses alunos que não tiveram acesso à educação escolar na idade apropriada; e c) identificar como os discentes reconhecem e fazem uso dessas tecnologias em sala de aula. Para tanto, utilizamos, como instrumentos de coleta de dados, entrevistas, gravações em áudio e vídeo, aplicação de questionários e observação em sala de aula, baseados no aporte teórico de autores como Coscarelli e Ribeiro (2011), Rojo (2009, 2011) e Soares (2009). Com base na análise dos dados, verificamos que os alunos da EJA da escola escolhida para análise não possuem um grau satisfatório de letramento digital, pois grande parte deles sequer já teve acesso ao computador e à internet.

Palavras-chave: EJA. Letramento Digital. Leitura. Escrita.

ABSTRACT: The aims of this research are: a) to analyze the digital literacy of the program for Education of Adolescents and Adults (EJA) in the city Itainópolis (PI); b) to observe in the school the use of technology in the practice of reading and writing skills for this specific group of students who could not finish their regular course in due time; and c) identify how students recognize and use technology inside the classroom. As research instruments, we used data analysis, interviews, audio and video recordings, questionnaires and classes observation, based on the works of Coscarelli and Ribeiro (2011), Rojo (2009, 2011) and Soares (2009). Based on the collected data, we came to the conclusion that the researched students do not have the level of digital literacy they were supposed to have, mainly because the majority of them never had access to a computer or to the internet previously.

Keywords: EJA. Digital Literacy. Reading. Writing.

1 INTRODUÇÃO

Desde o início do século XXI, vêm sendo realizados diversos estudos da linguagem, inclusive no Brasil, sobretudo na Linguística Aplicada, sobre as práticas de leitura e escrita à luz das chamadas Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação. Antes do início do século XXI, tínhamos uma prática de leitura e escrita pautada nos livros-textos e, a partir do início desse século, passamos a utilizar a tecnologia nessas modalidades de uso da língua. A esse respeito, Rojo (2012, p. 75) afirma que:

Há algumas décadas, as práticas de letramento na escola alicerçavam-se em atividades de leitura e escrita nas quais se recorria apenas à linguagem escrita como tecnologia para o ensino de língua materna. Atualmente, essas práticas têm sofrido modificações com a inserção e o uso de novas tecnologias.

¹ Este artigo foi apresentado, como comunicação oral, no XIII Encontro de Letras da Universidade Católica de Brasília (UCB), em setembro de 2015.

Em virtude do advento dessas tecnologias, com as quais nos deparamos diariamente, surgiu a necessidade de investigar como elas são usadas e se de fato são utilizadas nas aulas de Língua Portuguesa de jovens e adultos, matriculados na EJA.

Analisaremos se o letramento digital está presente nas turmas dessa modalidade de ensino e se de fato é utilizado nas aulas de Língua Portuguesa dos alunos da EJA de uma escola pública da rede Municipal de Ensino da cidade de Itainópolis – PI. Por ser um estudo pioneiro no município, esperamos que ele contribua com o entendimento dos professores e alunos acerca do letramento digital, de modo a incluí-los na sociedade, haja vista que, sem esse conhecimento, eles se veem em mais uma forma de exclusão, como afirma Pereira (2011, p. 17-18):

No Brasil, de maneira geral, principalmente no que se refere ao ensino público de base, podemos dizer que instituições, educadores, professores e alunos são digitalmente excluídos. [...] As comunidades rurais em todo o país notoriamente possuem sérias limitações de acesso à informação. A maioria não dispõem de jornais e revistas, bibliotecas, e muitas famílias não possuem televisão [...]. O problema central que uma Sociedade da Informação deve vencer, em primeira instância, e o da exclusão digital.

Como se vê, muitos brasileiros estão excluídos do meio digital por uma série de fatores, especialmente aqueles que vivem na zona rural e não têm a mesma facilidade de acesso à informação que aqueles residentes na zona urbana, ficando, portanto, excluídos em mais um aspecto.

Sabendo que as novas tecnologias possibilitam o acesso ao mundo do conhecimento, verificamos a importância social de se investigar o letramento digital como processo de inclusão social de alunos da EJA que não tiveram acesso à educação básica na idade apropriada.

Neste artigo, não temos o interesse em analisar as diversas formas de letramento digital, mas visamos analisar somente o uso do computador pelos alunos da EJA da escola escolhida para este estudo. Desse modo, os questionários aplicados como instrumento de coleta de dados foram feitos de forma restrita, com cinco questões. Com este estudo, esperamos contribuir de forma significativa com o processo de inclusão e informação de discentes e docentes da EJA.

2 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A EJA

A Educação de Jovens e Adultos é uma modalidade de ensino destinada a jovens e adultos que não puderam ou não tiveram acesso ao ensino regular na idade apropriada, segundo o que determina, em seu artigo 37, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (9394/96).

Essa modalidade de ensino está ligada ao desenvolvimento da educação brasileira como um todo, desde o Brasil Colônia, quando os jesuítas exerciam o papel de educadores da população de forma geral.

A educação, nesse período, exercida pelos jesuítas, era uma educação clássica e humanística, ficando a cargo da Igreja Católica a preocupação com a educação. Por isso, ela era, acima de tudo, voltada para a religião.

Sobre a questão da educação de jovens e adultos exercida pelos jesuítas, Moura (2003, p. 26), afirma que ela “[...] teve início com a chegada dos jesuítas em 1549. Essa educação esteve, durante séculos, em poder dos jesuítas, que fundaram colégios, nos quais era desenvolvida uma educação cujo objetivo inicial era formar uma elite religiosa”. Diante disso, percebemos a grande contribuição dos jesuítas para a educação brasileira como um todo, principalmente para a educação de jovens e adultos no Brasil.

No Brasil Colônia, a educação para a população adulta objetivava apenas a doutrinação religiosa, abrangendo um caráter muito mais religioso que educacional. Segundo Cunha (1999, p. 30), “nessa época, pode-se constatar uma fragilidade da educação, por não ser esta a responsável pela produtividade, o que acabava por acarretar descaso por parte dos dirigentes do país”.

No Brasil império, com a chegada da Família Real Portuguesa, a educação brasileira voltava-se para a criação de cursos superiores. Em tal contexto, pouca coisa foi feita para o Ensino de Jovens Adultos.

Sobre a EJA no Brasil Imperial, Moura (2003, p. 27) afirma que

A preocupação com a educação volta-se para a criação de cursos superiores a fim de atender aos interesses da monarquia. Por outro lado não havia interesse, por parte da elite, na expansão da escolarização básica para o conjunto da população, tendo em vista que a economia tinha como referencial o modelo de produção orgânica.

No período Republicano, nada foi alterado em relação ao Ensino de Jovens e Adultos no Brasil, uma vez que a educação ainda estava voltada para a elite nacional. Nenhuma política educacional voltada para a educação básica foi feita, como afirma Moura (2003, p. 31): “com a proclamação da república, mesmo o país passando por

transformações estruturais no poder político, o quadro educacional não sofreu mudanças significativas. O modelo educacional continua privilegiando as classes dominantes”.

No entanto, foi com o desenvolvimento industrial, no início do século XX, que se iniciou um processo lento, porém crescente, de valorização da Educação de Jovens e Adultos. Essa preocupação trazia pontos de vista diferentes em relação à educação de adultos, como a valorização do domínio da língua falada e escrita, visando ao domínio das técnicas de produção; a aquisição da leitura e da escrita como instrumento da ascensão social; a alfabetização de adultos vista como meio de progresso do país; a valorização da alfabetização de adultos.

Na atualidade, o papel da EJA está sendo visto como um forte mecanismo para levar a educação para todos aqueles que a ela não tiveram acesso na idade apropriada, sem restrições de sexo ou cor, por exemplo. Dessa forma, ela visa levar a escolarização a jovens e adultos, oportunizando uma vida melhor, associada ao conhecimento propiciado pela educação.

3 METODOLOGIA

Para este trabalho, fizemos uma pesquisa de campo, de natureza qualitativa, do tipo explicativa, em duas turmas de alunos matriculados na Educação de Jovens e Adultos na cidade de Itainópolis – PI, localizada na microrregião de Picos – PI.

Nessa pesquisa, com vistas a analisar a presença do letramento digital nas aulas de Língua Portuguesa, atentando para a realidade dos indivíduos presentes nas salas de aula de EJA, utilizamos, como instrumentos de coleta de dados, entrevistas, gravações em áudio e vídeo e aplicação de questionários aos alunos.

Os procedimentos utilizados caracterizam a pesquisa como sendo de observação, analisando o modo como os Jovens e Adultos da EJA fazem uso do computador e da internet em sala de aula. Para verificar isso, fizemos observações na sala de aula em que os alunos estão matriculados. Sobre o método observacional, Gil (2008, p. 35) afirma que ele

[...] é um dos mais utilizados nas ciências sociais e apresenta alguns aspectos curiosos. Por um lado, pode ser considerado como o mais primitivo e, conseqüentemente, o mais impreciso [...]. E pode se afirmar com muita segurança que qualquer investigação em ciências sociais deve valer-se, em mais de um momento, de procedimentos observacionais.

Diante das ideias de Gil (2008), percebemos que esse método é indispensável para a nossa pesquisa, pois o nosso tema surgiu das observações feitas durante visitas à escola que dispõe do Ensino de Jovens e Adultos no referido município.

Dessa forma, podemos dizer, então, que fizemos uma pesquisa de campo, pois, por meio dela, observamos os fatos e fenômenos exatamente como ocorrem no real. Acerca das pesquisas de campo, Gil (2008, p. 57) afirma que elas

Procuram muito mais o aprofundamento das questões propostas do que a distribuição das características da população segundo algumas variáveis [...]. No estudo de campo estuda-se um único grupo ou comunidade em termos de sua estrutura social, ou seja, ressaltando a interação de seus componentes. Assim, o estudo de campo tende a utilizar muito mais técnicas de observação do que de interpretação.

Por ser uma pesquisa que estuda um único grupo em termos de sua estrutura social, ressaltando a interação de seus componentes, podemos classificar nosso estudo como uma pesquisa de campo, dadas as características aqui apresentadas com base na literatura pertinente.

4 ALFABETIZAÇÃO, LETRAMENTO E LETRAMENTO DIGITAL

O conceito de alfabetização é dado nos dicionários mais recentes e apresenta a seguinte definição: “ato ou efeito de alfabetizar, de ensinar as primeiras letras”. Dando aprofundamento a essa ideia, Soares (2009) assevera que alfabetização é a “ação de ensinar/aprender a ler e a escrever”. Diante disso, com base nas duas definições, podemos dizer que uma pessoa alfabetizada é aquela que conhece o alfabeto e que sabe ler e escrever.

Apesar de essa definição parecer simples, o conceito de alfabetização é muito complexo, pois não envolve, atualmente, somente o ato de conhecer o alfabeto ou mesmo saber ler e escrever. Esse conceito envolve um grande conjunto de competências e habilidades, que envolvem tanto a leitura quanto a escrita. Por tal razão, começou-se a falar em níveis de alfabetização, de acordo com o aprofundamento e o desenvolvimento de cada indivíduo.

Com o passar do tempo e com as demandas sociais cada vez maiores, passamos a precisar – além de conhecer o alfabeto – estar envolvidos em práticas sociais de leitura e

de escrita. Com isso, houve a ampliação do conceito de alfabetização para o conceito de letramento, o qual, segundo Soares (2009, p. 47), é o “estado ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas cultiva e exerce as práticas sociais que usam a escrita”.

Dessa forma, o conceito de letramento surgiu com a ampliação progressiva do próprio conceito de alfabetização. Assim, ainda conforme Soares (2003, p. 10-11):

Até os anos 40 do século passado, os questionários do Censo indagavam, simplesmente, se a pessoa sabia ler e escrever, servindo, como comprovação da resposta afirmativa ou negativa, a capacidade de assinatura do próprio nome. A partir dos anos 50 e até o último Censo (2000), os questionários passaram a indagar se a pessoa era capaz de “ler e escrever um bilhete simples”, o que já evidencia uma ampliação do conceito de alfabetização: já não se considera alfabetizado aquele que apenas declara saber ler e escrever, genericamente, mas aquele que sabe usar a leitura e a escrita uma prática social em que a escrita é necessária.

Como vimos, o termo alfabetizado pressupõe aquele que conhece o alfabeto e que tem habilidades básicas de leitura e de escrita. No entanto, devido às necessidades políticas e sociais, para se considerar uma pessoa alfabetizada, precisava-se de muito mais, como fazer uso da língua na modalidade escrita em diversas atividades cotidianas, ou seja, ser alfabetizado, nessa ampliação do termo “alfabetizado”, diz respeito ao domínio de usar a língua escrita para exercer uma prática social em que essa modalidade é necessária.

Ainda sobre o letramento, Soares (2009, p. 18) nos diz que é ele “o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita”. Para a mesma autora, o letramento “[...] não é pura e simplesmente um conjunto de habilidades individuais; é o conjunto de práticas sociais ligadas à leitura e à escrita em que os indivíduos se envolvem em seu contexto social.” (SOARES, 2009, p. 72).

Diante dessas definições, podemos dizer que um indivíduo, na concepção de Soares (2009), torna-se letrado quando se apropria da escrita e faz uso dela em diversas situações cotidianas. Portanto, uma pessoa letrada é aquela que está incluída em diversos aspectos da sociedade.

Com a evolução das tecnologias da informação e da comunicação, passamos a utilizar novas formas de ler e de escrever, formas essas que facilitam o acesso à informação. Diante disso, a escola precisa preparar os alunos para que eles entrem no mundo da tecnologia, da informação e da comunicação. Atualmente, essa nova maneira

de ler e escrever é entendida como o letramento digital. Sobre essa mudança na forma de ler e de escrever digitalmente e, ainda, sobre o papel da escola nesse contexto, Xavier (2005, p. 1) afirma que

Esse novo letramento [...] considera a necessidade dos indivíduos dominarem um conjunto de informações e habilidades mentais que devem ser trabalhadas com urgência pelas instituições de ensino, a fim de capacitar o mais rápido os alunos a viverem como verdadeiros cidadãos neste novo milênio, cada vez mais cercados por máquinas eletrônicas e digitais.

Assim, com base no mesmo autor, o letramento digital implica:

[...] realizar práticas de leitura e escrita diferentes das formas tradicionais de letramento e alfabetização. Ser letrado digital pressupõe assumir mudanças nos modos de ler os códigos e sinais verbais e não-verbais, como imagens e desenhos, se compararmos às formas de leitura e escrita feitas nos livros, até porque o suporte sobre o qual estão os textos digitais é a tela, também digital. (XAVIER, 2005, p. 35).

Nesse sentido, ser letrado digitalmente pressupõe assumir novos modos de ler e escrever, sejam os códigos verbais ou não verbais. Portanto, pressupõe mudança no espaço da leitura e da escrita, que agora passa a ser a tela, que é digital.

A ideia de letramento digital é dada por Soares (2002, p. 25) como “um certo estado ou condição que adquirem os que se apropriam da nova tecnologia digital e exercem práticas de leitura e escrita na tela, diferente do estado ou condição – o letramento – dos que exercem práticas de leitura e de escrita no papel”. Com base na afirmação de Soares (2002), podemos dizer que o letramento digital é tanto a apropriação da tecnologia digital, quanto o exercício real das práticas de escrita que circulam no meio digital. Vemos que o letramento digital é um forte mecanismo de prática social dos alunos, pois lhes possibilita o acesso ao mundo da cultura, da leitura e da escrita.

Dessa forma, ser letrado digitalmente refere-se à apropriação da tecnologia digital para o exercício efetivo das práticas de leitura e escrita que circulam no ciberespaço. Desse modo, ser letrado digitalmente requer mudança nos modos de ler e escrever.

Sobre o uso da tecnologia como mediadora no processo de aprendizagem de leitura e escrita, os PCN (1997, p. 57) nos dizem que

Finalmente, é necessário que se faça menção ao computador: alguns programas possibilitam a digitação e edição de textos produzidos pelos

alunos para publicações internas da classe ou da escola; outros permitem a comunicação com alunos de outras escolas, estados, países; outros, ainda, possibilitam o trabalho com aprendizagens específicas, sobretudo a leitura.

Dessa forma, verificamos a importância do computador como ferramenta para o ensino de língua materna, pois ele abre um leque de possibilidades para os alunos, dentre eles, a habilidade da digitação e, ao mesmo tempo, a organização do texto; além de facilitar o acesso à leitura em outro ambiente que não seja o físico.

Ainda sobre a importância do computador nas aulas de leitura e escrita Soares (2002, p. 152) afirma que

[...] a tela como espaço de escrita e de leitura traz não apenas novas formas de acesso à informação, mas também novos processos cognitivos, novas formas de conhecimento, novas maneiras de ler e escrever, enfim, um novo letramento, isto é, um novo estado ou condição para aqueles que exercem práticas de leitura e de escrita na tela.

Assim, verificamos que a tela passa a ser um novo espaço de leitura e escrita, ou seja, uma nova maneira de ler e escrever, além disso, traz novas formas de acesso ao conhecimento.

Além da mudança nos hábitos de leitura e escrita, para ser considerado letrado digital, o indivíduo precisa saber manusear tecnicamente o computador; precisa fazer o uso dele para a leitura e para a escrita, ou seja, comunicar-se eficientemente em ambientes virtuais. A esse respeito, Araújo (2007, p. 80) nos diz que ele:

[...] passa também pela necessidade de saber manipular um computador, de preferência conectado à internet, a fim de ocupar um lugar que sua contemporaneidade lhe reserva/impõe. Ou seja, é preciso que o homem e a mulher desse século sejam sujeitos letrados também digitalmente.

Acerca do Letramento Digital (na leitura ou na escrita) mediado pelo uso do computador e da internet, Lemke (2010 apud ROJO, 2012, p. 21) assegura que:

[...] Agora, a aprendizagem muda. Em vez de sermos prisioneiros de autores de livros-texto e de suas prioridades, escopos e sequência, somos agentes livres que podem encontrar mais sobre um assunto que os autores sintetizaram, ou encontrar interpretações alternativas que eles não mencionaram (ou com a qual concordam ou até mesmo consideram moral ou científico). Podemos mudar o assunto para

adequá-lo ao nosso juízo de relevância para nossos próprios interesses e planos e podemos retornar mais tarde para um desenvolvimento padrão baseado no livro-texto. Podemos aprender como se tivéssemos acesso a todos esses textos e como se tivéssemos um especialista que pudesse nos indicar a maioria das referências entre tais textos. Temos agora que aprender a realizar formas complexas de julgamento e ganhamos muita prática fazendo isso.

Verificamos, com isso, que o processo de ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa muda com o uso da máquina. Deixamos de ser prisioneiros de livros-textos e passamos a ser produtores, ao passo que podemos investigar detalhes que muitas vezes os autores não deixam explícitos. Além disso, podemos adequar o texto aos nossos interesses pessoais e, com isso, percebemos a importância do computador e da internet no ensino de Língua Portuguesa, pelo fato de ajudarem no sentido de que os alunos podem ser autores (produtores) de seus próprios textos.

5 ANÁLISE DOS DADOS

Para nosso estudo, foram analisados 18 alunos, de idades variadas, de duas turmas de EJA em uma escola pública municipal da cidade de Itainópolis – PI, localizada na macrorregião de Picos – PI.

Quando comparada à distribuição do gênero, dentro do universo dos alunos analisados, percebeu-se que a maioria deles pertence ao gênero masculino. Dentre os dezoito alunos pesquisados, doze são homens e seis são mulheres.

Todos os alunos são oriundos de famílias de classe trabalhadora na região da cidade, são filhos de pais que exercem as funções de donas de casa, empregadas domésticas e trabalhadores agrícolas. Além disso, muitos deles trabalham na construção civil.

Conforme explicitado na metodologia deste artigo, fizemos uso de questionários com vistas a coletar os dados deste estudo. A primeira pergunta feita aos discentes era se eles possuíam computadores em casa. Dos dezoito, somente cinco responderam positivamente. Neste contexto, destacamos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) que apontam o total de domicílios com computadores no país: subiu de 46,4% para 49,5% de 2012 para 2013, sendo que, na Região Nordeste, as casas com esse equipamento cresceram 14%. Na mesma pesquisa, temos a informação de que, dos

32,2 milhões de domicílios brasileiros com computadores em 2013, 28% tinham acesso à internet.

Fazendo uma relação da porcentagem da pesquisa do IBGE com a porcentagem dos alunos investigados, constatamos que a quantidade de computadores dos alunos de nossa pesquisa não ultrapassa 27,77% em 2015. Verificamos com isso, que, comparados com dados nacionais, nossos alunos estão distantes dos percentuais do restante do país, até mesmo dos percentuais do Nordeste, região em que estão inseridos.

Quando perguntados sobre o local em que mais fazem uso do computador, demos as seguintes possibilidades: a) em casa, b) escola, c) *lan house*, d) casa de amigos e e) nunca ter feito uso do computador.

Verifiquemos a quantidade no gráfico abaixo.

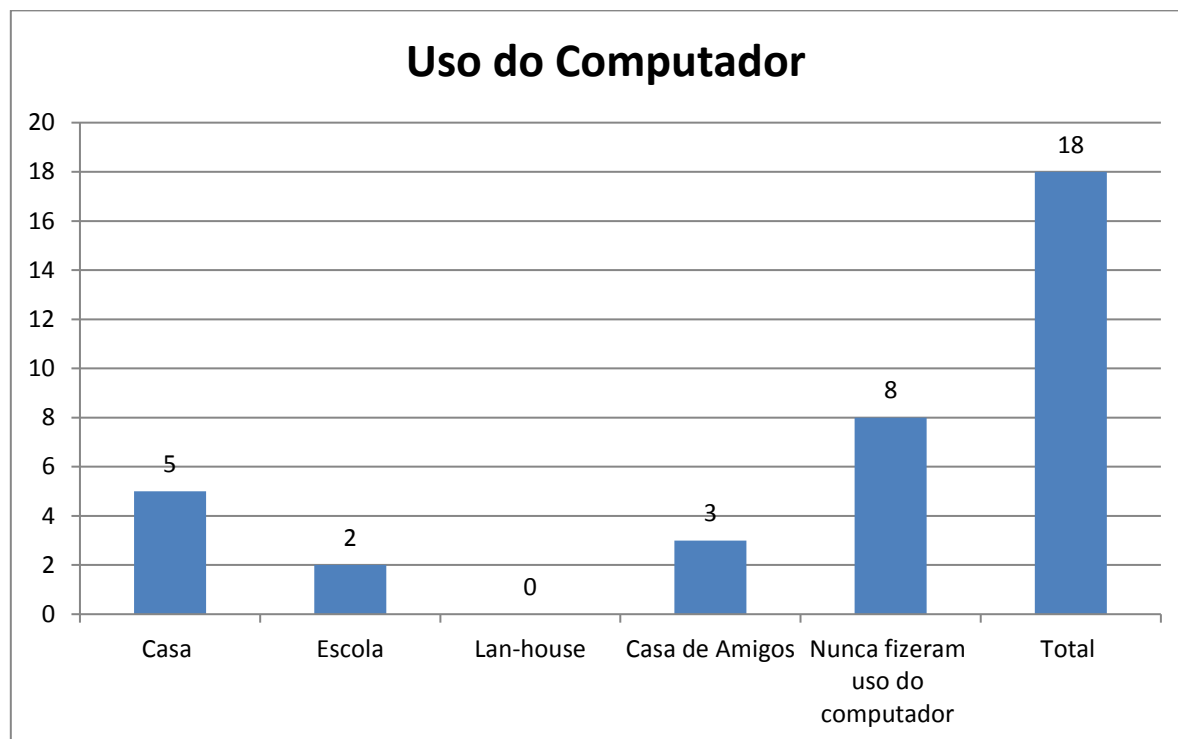


Figura 1 – Uso do computador
Fonte: Os autores (2015)

Constatamos o baixo uso do computador pelos alunos nos ambientes citados, sendo que, dos dezoito alunos participantes da pesquisa, somente cinco fazem uso do equipamento em casa.

Causou-nos surpresa o fato de apenas dois alunos já ter feito uso do computador na própria escola, já que a escola possui computadores. Questionados sobre o que fazem nos computadores da escola, eles responderam que o utilizam apenas para acessar as redes sociais.

O número de alunos que disseram fazer uso do computador na casa de amigos foi somente três, ao passo que, em *lan house*, nenhum discente o faz, o que talvez se explique pelo fato de não haver nenhum espaço desses próximo ao local onde os estudantes residem.

Outro resultado que nos chamou a atenção foi o fato de que oito deles disseram que nunca usaram o computador em suas vidas. Esse pode ser considerado um fato preocupante, haja vista que, no mundo digital em que vivemos, diversas atividades são realizadas por meio de um computador.

Sobre o uso da internet, o IBGE aponta que a proporção de internautas cresceu de 49,2%, em 2012, para 50,1%, no ano seguinte. Essa pesquisa indica, ainda, que, em 2001, 12,6% das unidades residenciais tinham esses aparelhos e, em 2013, esse percentual evoluiu para quase metade dos domicílios. Já as moradias com computador ligado à internet aumentaram de 8,5% para 43,7%, na mesma comparação.

Em relação ao acesso à internet, percebemos a quantidade de alunos pesquisados que disseram já terem feito uso dela.

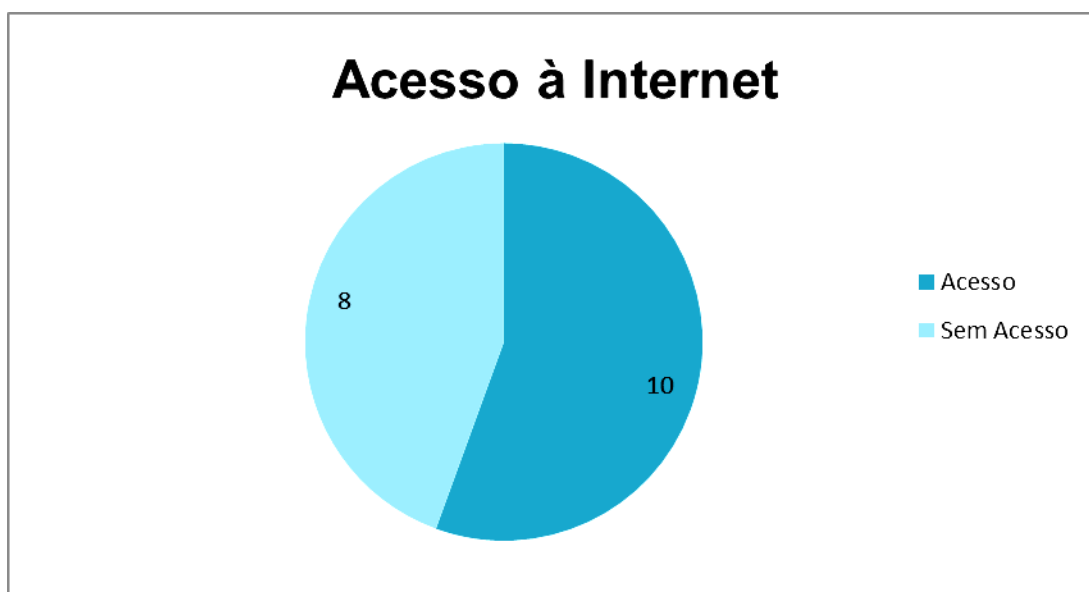


Figura 2: Acesso à internet
Fonte: Os autores (2015)

Verificamos que, dos dezoito alunos, apenas dez já tiveram acesso ao computador e esses mesmos já acessaram a internet.

Quando perguntados quantas vezes eles foram cobrados através de trabalhos que fizessem uso do computador e da internet, a resposta de todos os participantes da pesquisa

foi a de que nunca foram cobrados a fazerem quaisquer atividades em que o uso dessas ferramentas fosse necessário.

Com base nos dados coletados e na breve análise feita, podemos dizer que a maioria dos alunos da EJA da escola pesquisada possui um baixo nível do letramento digital, pois grande parte deles sequer já utilizou um computador em suas vidas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O letramento digital, aqui entendido como o uso do computador e da internet para a realização de atividades tanto em sala de aula, quanto ligadas às realizações de atividades escolares, parece não satisfazer as exigências da sociedade atual.

Sendo assim, há uma urgência em inserir esses alunos no meio digital para se apropriar desse tipo de letramento, não apenas para a adequação às demandas políticas e econômicas, mas, também, por uma necessidade educacional e social.

Nossos professores precisam desenvolver estratégias pedagógicas no espaço educacional (sala de aula), utilizando a tecnologia digital, para que esses alunos não se vejam excluídos e para que se tornem incluídos dentro de uma sociedade digital, da sociedade da comunicação e da informação.

Diante dos dados analisados em nosso trabalho, mostramos a situação do letramento, especificamente o letramento digital de alguns alunos da modalidade de ensino EJA de uma escola pública municipal, evidenciado a importância social do computador conectado à internet para o processo de ensino-aprendizagem e, principalmente, para a inclusão social de alunos da EJA.

Referências

ARAÚJO, J. C. **Os gêneros digitais e os desafios de alfabetizar letrando**. Trabalho em Linguística Aplicada, Campinas, v.46, n.1, p.79-92, jan./jun. 2007.

BRASIL. **Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: 1996.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília: Secretaria de Educação. MEC, 1997.

CUNHA, C. M. Introdução—discutindo conceitos básicos. In: SEED-MEC. **Salto para o futuro— Educação de jovens e adultos**. Brasília, 1999.

COSCARELLI, C. V. Alfabetização e Letramento Digital. In: _____; RIBEIRO, A. E. **Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas da Pesquisa Social**. 6.ed. São Paulo. Atlas, 2008.

MOURA, M. G. C. **Educação de Jovens e Adultos: um olhar sobre sua trajetória histórica**. Curitiba: Eduarte, 2003.

PEREIRA, J. T. Educação e Sociedade da Informação. In: COSCARELLI, C. V; RIBEIRO, A. E. **Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

ROJO, R.; MOURA, E. **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola, 2012.

SOARES, M. **Letramento: um tema de três gêneros**. 3.ed. Belo Horizonte: Autentica, 2009.

SOARES, M. **Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura**. Educação & Sociedade, Campinas, v.23, n.81, p. 143-166, 2002.

SOARES, M. Alfabetização: a ressignificação do conceito. Alfabetização e cidadania. **Revista de Educação de Jovens e Adultos**. RaaB, n. 16, p.10-11/ jul. 2003.

XAVIER, A. C. Letramento digital e Ensino. In: SANTOS, C. F; MENDONÇA, M. **Alfabetização e letramento: conceitos e relações**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

Juscelino Francisco do Nascimento Possui graduação em Letras/Inglês (2010) pela Universidade Federal do Piauí (UFPI) e em Letras/Português-Espanhol (2014) pelo Instituto Superior de Educação de Pesqueira (ISEP); Especialização em Docência para o Ensino Superior (2012) pelo Instituto de Ensino Superior Múltiplo (IESM) e Mestrado em Letras - Área de Concentração em Estudos de Linguagem (2014) pela UFPI. Atualmente, é Doutorando em Linguística pela Universidade de Brasília (UnB) e tutor e coordenador de disciplinas da Universidade Aberta do Brasil (UAB/CEAD/UFPI). (juscelinosampa@hotmail.com)

Alceane Bezerra Feitosa Graduado em Letras/Português pela Universidade Federal do Piauí (UFPI), Especialista em Estudos Linguísticos e Literários pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI), Mestrando em Letras - Área de concentração em Estudos de Linguagem. Área de interesse: Leitura e escrita em ambiente digital, letramentos digitais. (alceano_bezerra2@hotmail.com)